

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



FEMINISMOS: LUTA PELA EQUIDADE DE GÊNERO, JUSTIÇA SOCIAL E DIREITO PELOS CORPOS.

Autora¹: Diana Vanessa Pereira

Autora²: Francijane Nogueira Coura

Autora³: Naddine Elkane Simão de Araújo

Resumo: Este artigo pretende apresentar a trajetória de luta das mulheres para conquistar seu espaço rumo a uma igualdade entre os gêneros. Vamos analisar os direitos das mulheres em várias esferas e as consequências sociais dessas evoluções numa sociedade regida sob a ótica das relações capitalistas, patriarcais e conservadoras. Objetiva-se também mostrar os movimentos feministas visto como movimento social, seus desafios e lutas, sua origem no Brasil e no mundo, as mudanças que ocorreram através dessas lutas e as conquistas já alcançadas ao longo dos anos. Para apreender essa realidade realizamos um estudo bibliográfico e documental do movimento feminista pelo direito a liberdade de seu corpo. Nossa análise buscou apreender a realidade dos direitos sobre o corpo no movimento dialético do real. Assim, como objeto de estudo analisamos a pauta de luta da Marcha das Vadias no mundo e sua repercussão no Brasil. Realizamos análise de conteúdo das publicações científicas da Scielo sobre a marcha das Vadias. Nossos resultados apontam que o movimento feminista tem ampliado suas lutas sociais, hasteado novas e velhas bandeiras de lutas, como também desenvolvidos estratégias variadas como organização da Marcha das Vadias para assim garantir equidade de gênero e condições de igualdade, autonomia e emancipação humana.

¹Diana Vanessa Pereira, Mestre em Serviço Social, Trabalho e Questão Social pela UECE e docente da Faculdade de Tecnologia do Nordeste - FATENE, Pesquisadora Coordenadora e bolsista do Programa de Apoio à Pesquisa e inovação (PROINOVAR) da FATENE, diana.pereira@fatene.edu.br.

²Francijane Nogueira Coura graduanda em Serviço Social da Faculdade de Tecnologia do Nordeste - FATENE, yafah31@hotmail.com.

³Naddine Elkane Simão de Araújo graduanda em Serviço Social da Faculdade de Tecnologia do Nordeste – FATENE, Bolsista do Programa de Apoio à Pesquisa e Inovação (PROINOVAR) da FATENE, naddineelkane@hotmail.com.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Palavras-chaves: Desigualdade de gênero. Movimentos feministas. Marcha das vadias.

1. Desigualdade de gênero e feminismo(s)

Na atual sociedade patriarcal, machista e capitalista nos deparamos com a desigualdade de gênero, ainda de forma alarmante, mulheres com salários mais baixos que os homens, mesmo realizando a mesma tarefa laborativa; feminicídio; violências físicas, psicológicas e patrimoniais; as mulheres na política parlamentar ainda são a minoria; mulheres acumulam uma jornada tripla e exaustiva; na saúde ainda se deparam com um Estado detentor de seus corpos; nas religiões, as mulheres são ditas como o perigoso a ser controlado, devem ser castras, puras e submissas, apenas servindo obediência e para cumprir a maternidade, cuidando do lar, dos/as filhas/os e do marido.

Na Arábia Saudita, a exemplo, havia uma proibição que mulheres não poderiam dirigir, colocando-as em situações de dependência e submissão, caso desrespeitasse seria condenada a prisão, multas e chibatadas. Essa imposição foi recentemente abolida, no dia 24 de junho de 2018, agora as mulheres podem dirigir motos, carros e caminhões. Contudo, nós mulheres ainda almejamos romper muitas barreiras impostas pela sociabilidade vigente.

Beauvoire expõe que os homens usam artifícios na religião e filosofia para submeter à mulher em uma posição de aliciadora, perigosa, pecadora e teimosa “as religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seu desígnio.” (BEAUVOIR, 2016).

O homem, quando é comparado a uma mulher, ou quando é usado um adjetivo feminino em relação a um homem, este uso e/ou comparação são vistos como formas de insultos. Além disso, a mulher é vista pelo homem como frágil, fraca e passiva, nesse sentido

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



pode-se reforçar o sentido de o “outro”⁴, pois o homem a exclui de sua categoria, de seu grupo, deixando-a em posição de inferioridade e, para exaltar-se, ele mostra-se como viril, compara-se ao macho, forte, orgulhoso e feroz. “O termo ‘fêmea’ é pejorativo não porque enraíza a mulher na natureza, mas porque a confina no seu sexo.” (BEAUVOIR, 2016).

Na história a desigualdade também se fez forte, foi escrita e administrada de forma patriarcal, misógina, sexista e machista, servindo para fortalecer papéis de gênero⁵. As mulheres cientistas, pintoras, rainhas, escritoras, artistas, escultoras, guerreiras e entre outras que foram sujeitos da sua própria história tiveram seus nomes apagados ou escondidos, colocadas à margem, tendo seus êxitos silenciados ou usurpados.

Na família tradicional se tem uma cultura que todos os afazeres relacionados aos/as filhos/as e a casa são obrigações da mulher, onde elas não têm auxílio, ou ajuda, tais afazeres são considerados leves e não exaustivos comparado a rotina laboral de um homem, a situação familiar cai sobre os ombros das mulheres, pois elas durante anos estiveram apenas no espaço do lar e quando uma mulher não é mãe, ou não pretende ser, ela é apontada como se a maternidade e/ou casamento fossem a única opção para sua vida, violando suas escolhas. Diante desse quadro de desigualdades, faz-se crucial a afirmação da importância dos feminismos e dos movimentos de mulheres, para a luta pela liberdade, quebra de amarras, rótulos e padrões.

Durante a Revolução Francesa as mulheres lutaram pelos seus direitos e sua emancipação, Olympe de Gouges que também fez parte da luta escreve em 1791 a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, contrapondo a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que havia excluído a mulher da participação política, ela reivindica para as mulheres os mesmos direitos dos homens, dois anos após a publicação é decapitada e as mulheres são proibidas de exercer qualquer atividade política (ROCHA, 2009).

⁴Quando nos vemos como “outro” não nos vemos sujeito de razão e de vontade, falta-nos a percepção de ser sujeito e construtor da história, essa percepção é tomada pelo “um” que se posiciona, deixando o “outro” na posição de coadjuvante.

⁵“[...] o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.” (BUTLER, 2017, p. 26).

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Os feminismos são movimentos político, filosófico, social que critica o lugar que a sociedade impôs para a mulher, enfrentando a dominação do sistema, buscando equidade de gênero, traz empoderamento da mulher diante da sua própria vida. Para Silva e Camurça (2013), “o feminismo é um movimento que confronta o sistema de dominação e propõe a transformação social, pois quer transformar a vida das mulheres e toda a sociedade”.

No Brasil o movimento feminista, tem como pioneira Nisia Floresta, abolicionista e republicana. Foi pioneira em muitos feitos e em 1831 ela escreve artigos sobre a condição feminina, em 1832 o livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, e 1838 fundou o Colégio Augusto, o qual oferecia às suas alunas conhecimentos de português, de línguas estrangeira e de geografia (ROCHA, 2009).

A luta ainda se faz necessário na atualidade pela busca da emancipação feminina, que critica o lugar criado para a mulher, papéis e relações de gênero, exploração da força de trabalho da mulher, pelo combate das desigualdades, racismo, machismo, sexismo e heterossexualidade compulsória⁶, busca o empoderamento, a sororidade e a afirmação da mulher como sujeito de sua própria história, como Cisne e Gurgel (2008) afirmam:

[...] o feminismo, ao longo de sua história, trouxe à tona questões que não apenas estavam ligadas aos interesses das mulheres, mas que também confrontavam diretamente o capital. Destacamos, especialmente, a contestação à família nuclear burguesa e monogâmica e a denunciada exploração da força de trabalho feminina, tanto na esfera produtiva, geralmente em atividades não pagas como na reprodutiva, que podem ser consideradas pedras fundamentais para a sustentabilidade do capitalismo. (CISNE E GURGEL, 2008, p. 70-71).

Não existe um movimento feminista, mas sim os movimentos feministas, pois cada um deles tem suas reivindicações e ideais, resumir-los ao singular seria resumir as especificidades, a vivência, experiência de cada mulher. Alguns deles são:

Feminismo negro, que teve em Angela Daves, teórica feminista negra norte-americana seu início, onde a mulher negra sente-se violada em seus direitos como cidadã através não somente de seu gênero, mas de sua raça, muitas até pela intolerância religiosa devido à desvalorização de religiões de matriz africana. O feminismo radical, que ganhou força à partir do século XXI, através da internet. Este

⁶Heterossexualidade compulsória é um instrumento de poder do patriarcado, é um regime político. Por meio da patologização das sexualidades considerando-as desviantes, atribuindo a heterossexualidade como aquilo que é normal.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



movimento acredita que toda a opressão feminina se deva a não atuação dos papéis sociais inerentes aos gêneros. O feminismo interseccional, ou pós moderno, no qual seu objetivo é “costurar” as demandas de gênero com as de outras minorias, considerando classe social, deficiência física, orientação sexual, raça, dentre outros. (...) feministas liberais, elas buscam assegurar a igualdade entre homens e mulheres na sociedade por meio de reformas políticas e legais, pregam que as desigualdades de gêneros deve ser vencida através do combate das injustas situações da via institucional. (BAZANI, 2013).

Para algumas pessoas o movimento de mulheres diverge do movimento feminista, pois nem todo movimento de mulheres se diz parte do feminista, por não se verem no âmbito de exploração e dominação. Outras avaliam que o movimento feminista surge posteriormente ao de mulheres, pois as mulheres já se organizavam anteriormente. Outras comungam que como o movimento de mulheres é composto por e para mulheres e é o mesmo que feminista. Assim, é importante destacar que o movimento de mulheres e feministas possuem concepções políticas que direcionam para mudança das relações de desigualdade de gênero. Contudo, destacamos que a lógica dominante exaspera e intensifica a desigualdade social e assim seja movimento de mulheres ou feministas as lutas travadas devem direcionar por uma sociedade mais justa, equitativa, democrática, anti-capitalista, sem LGBTfobia, racismo, livres de padrões, definições e rótulos.

2. As atuais bandeiras de lutas dos movimentos feministas a partir do contexto do capital

Hoje a luta e reivindicações dos movimentos feministas não estão em torno das questões iniciais que impulsionaram suas lutas, com o passar dos anos surgem novas formas de organizações e comunicações, na busca pela emancipação feminina. Assim não existe apenas uma única bandeira de luta, pois estas ampliaram suas demandas para além das relações com gênero e compreenderam que dentro da lógica regida pelo capital, existem grupos socialmente e historicamente discriminados. E que é necessário ir além dos muros da sociedade capitalista, pois esta não proporciona meios possíveis para articulação e estratégias de emancipação, como afirma Cisne e Gurgel (2008) “Partirmos da convicção de que a

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



emancipação humana é irrealizável no capitalismo, dada a sua estrutura de dominação, alienação e exploração, baseada na transformação da força de trabalho”, usando todos os meios cabíveis e existentes para a dominação e alienação dos papéis de gênero.

Segundo Netto (1992) “o Estado é comitê executivo da burguesia” e está a serviço do capitalismo, conseqüentemente do conservadorismo, não se preocupando apenas em maximização dos lucros na relação capital-trabalho, mas também controlando o corpo da mulher a deixando à margem do processo decisório, fazendo com que seu corpo seja público e não privado, este estabelece leis controladoras e punitivas, prejudicando primeiramente as mulheres pobres, trabalhadoras, negras e periféricas.

Um exemplo dessa realidade é a Lei N°. 9.263, de 12 de janeiro de 1996, Lei que trata sobre planejamento familiar, nesta somente mulheres com mais de 25 anos ou dois filhos vivos podem realizar a cirurgia de esterilização voluntária. E, se ela for casada, precisa do consentimento expresso de ambos os cônjuges, ou seja, se uma mulher solteira e sem filhas/os, ou apenas com um/a filho/a, convicta de que não quer ser mãe ou não ter mais filhos, não poderá fazer o procedimento da laqueadura, tornando-a prisioneira do seu próprio corpo, tendo uma lei como capataz. A lei também cabe ao homem, porém uma vasectomia é vista como tabu que provocaria impotência ou a falta de virilidade, tendo em vista isso, a lei é bem mais severa com a mulher, dado que na maioria dos casos ela tem que fazer a laqueadura para que o homem não perca seu status de macho.

O capitalismo se apropria do corpo de homens e mulheres, e este é vislumbrado como uma mercadoria que movimenta as engrenagens do sistema. No caso das mulheres, essa realizado se complexifica. As mulheres são reduzidas a um corpo que deve se reproduzir para o sistema. O Estado regula e controla a quantidade de filhos/as dessa mulher, se esta pode ou não acessar licença-maternidade, se o mercado de trabalho pode absorvê-las e até se essa mulher pode ou não ter direito a engravidar.

O corpo não pertence à mulher, e se essa mulher for proveniente da classe trabalhadora, e se estiver à beira da condição de miserabilidade, o sistema capitalista representado na figura do Estado, toma para si o direito de decidir sobre a esterilização do

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



corpo dessa mulher. Na atualidade, houve casos de esterilização de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, e tantas outras que não saem nas mídias e que são silenciadas. A luta pelo direito ao corpo é uma demanda dos movimentos feministas, pois em torno dessa realidade está o direito a propriedade privada. E nos marcos da sociabilidade patriarcal e capitalista, a mulher é propriedade do homem. E desta forma, a liberdade de escolha, passa por seu direito ao corpo.

A luta na sociedade contemporânea tenta se fazer de maneira horizontal, organizadas em coletivos e movimentos, suas prioridades são manifestadas de acordo com os lugares que ocupam, mesmo ainda não adentrando por completo em espaços considerados periféricos, muitas vezes ficando em espaços acadêmicos. Pode-se dizer, portanto que essa não entrada em regiões ditas marginalizadas seja um ponto importante, talvez se pode assim dizer, uma lacuna dos movimentos feministas e de mulheres, deixando esse tipo de região presa fácil para Estado e, por conseguinte pelo capital, ou seja, uma comunidade que não tem acesso à educação, as instruções é facilmente alienado de seus direitos. Assim, os feminismos, também com responsabilidades de proteção e instrução, torna-se ainda mais necessário, reconhecendo, portanto, a importância de avançar e transformar ambientes considerados hostis em lugares de pessoas autônomas.

As bandeiras estão na voz e vivência das mulheres pobres, trabalhadoras, negras, transexuais, deficientes, de toda mulher que todos os dias travam uma luta pela sua (re)existência, aos poucos os movimentos chegam, é nas pequenas lutas que tentam se fazer raízes e plantar sementes, onde houver uma mulher presa nenhuma será livre.

3. A Marcha das Vadias como estratégia de luta contra o controle do corpo das mulheres

Ao longo da história da luta das mulheres elas tentaram ocupar seu espaço tanto na família quanto na sociedade. Seus desejos, sonhos e vontades sempre foram reprimidos por uma sociedade machista que insistiam em dizer que o lugar da mulher era em casa cuidando

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



do marido e dos filhos. Mas elas queriam mais e decidiram que era chegada a hora de lutar pelo direito de estudar, ter uma profissão e ser tão qualificada quanto o homem.

No final do século XIX, nos Estados Unidos, houve o movimento sufragista que teve à frente Bertha Lutz, bióloga e cientista importante que estudou no exterior e voltou ao Brasil para lutar pelo direito ao voto, conquistado em 1932. Em 1963, Betty Fridman lança a mística feminina onde é retomado as ideias de Simone Beauvoir, onde delata a opressão da mulher na sociedade industrial, expandindo assim o feminismo pelo mundo. Nessa primeira tendência o principal objetivo era a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação. Essa fase do feminismo era chamada de “bem comportado” e tinha um caráter conservador. Já na segunda tendência era a fase do feminismo “mal comportado” que reunia mulheres intelectuais, anarquistas e líderes operárias onde defendiam o direito a educação, a sexualidade e o divórcio. (PINTO, 2003).

Apesar de ter suas raízes no século XIX, o feminismo teve seu ápice nas décadas de 1970 e 1980. Em 2011 surge um movimento que aconteceu em várias cidades do mundo começando em Toronto chamado a Marcha das Vadias, movimento esse que ocorreu em resposta a declaração de um policial em um fórum universitário sobre segurança no campus. Ele disse que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como “sluts” (vagabundas, vadias) e tinha como principal objetivo o fim da violência sexual e a culpabilização da vítima, já que a declaração do policial foi reconhecida como um exemplo de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres.

No Brasil também em 2011, em São Paulo foi a primeira cidade a organizar a Marcha das Vadias. Com a Marcha, as mulheres reivindicaram a autonomia sobre seus corpos e tinha como slogan: “*Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias*”. A marcha também era uma expressão das jovens se engajando no feminismo e disputando o poder com as velhas concepções patriarcais. Em contraposição à noção de crise, algumas evidências são favoráveis aos argumentos que sustentam a vitalidade do feminismo contemporâneo. Pesquisa conduzida pela Fundação Perseu Abramo mostra que de 2001 a 2010 aumentou de 21% para 31% o contingente de brasileiras que se consideram feministas. E metade das mulheres que se

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



consideram ou não feministas tem visão positiva do feminismo, identificando-o com a luta por igualdade de direitos em geral (27%), por liberdade e independência das mulheres (26%) e por direitos iguais no mercado de trabalho (7%). A pesquisa mostrou ainda que as mulheres jovens são as que mais se declaram feministas. Quarenta por cento das jovens entre 15 e 17 anos, a faixa etária mais jovem da amostra, se consideram feministas, seguidas das jovens de 25 a 34 anos, com 37% de identificação, e, em último lugar, as mulheres maiores de 60 anos com 23% (PERSEU ABRAMO, 2010).

É um movimento aberto que acolhe todas as mulheres não importando a cor, raça, sexo e gênero. Não há líder, partido e nem um local específico para que ocorram as reuniões podendo acontecer numa sala de faculdade, numa praça ou até mesmo em um bar. Atualmente a marcha luta a favor das ideologias em que se acredita e tanto almejam alcançar. Busca a reivindicação dos direitos, a igualdade de gêneros e a liberdade de expressão de pensamentos e sentimentos sem discriminação e opressão. (IUNNES, 2013).

O movimento tem crescido com os anos e tem encontrado grande visibilidade, mantendo a lógica do debate que originou o protesto canadense, mas também definindo outras reivindicações. Apesar das diversidades locais, a Marcha tem comungado de disputas e desafios que definem o sujeito feminista. Assim, tem definido quem o feminismo inclui ou exclui.

No Rio de Janeiro a Marcha possui características peculiares, são majoritariamente mulheres jovens, de cor branca e com nível educacional universitário. Segundo Sorj e Gomes (2014) os Surveys realizados com participantes da Marcha nos anos de 2011 e 2012 no Rio de Janeiro confirmam que esse também é o perfil das pessoas que aderem ao movimento nas ruas. Diante disso, é possível compreender que o perfil da Marcha das Vadias tem repetido o perfil apontado pelos registros históricos desde as sufragistas até a geração de 1970 na luta pela democratização do país, na organização dos encontros nacionais feministas, na composição dos núcleos de gênero nas universidades e associações científicas e na própria institucionalização das equipes de profissionais de gestão de políticas públicas no âmbito do Estado.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



É importante destacar que anteriormente, particularmente para as gerações de feministas, a autonomia sobre o corpo relacionava-se às reivindicações da luta pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher.

No contexto atual, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo.

Assim, nas Marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os estereótipos e padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, manifesta e possibilita a crítica as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de "libertação" do corpo.

O corpo tem um importante e duplo papel na *marcha*: é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira. Ao subverter o uso acusatório do termo "vadia", a *marcha* reivindica o termo para si e o ressignifica positivamente como "empoderamento". [...] Para expressá-la, as/os participantes lançam mão de roupas sensuais, batom vermelho e topless nas *marchas*. Palavras de ordem são escritas em seus corpos, como "meu corpo, minhas regras", "meu corpo não é um convite", "puta livre", "útero laico", "sem padrão". Pelo artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza. (SORJ; GOMES, 2014, p.437)

A Marcha da Vadias enfrenta no campo da política muitas disputas. Segundo as autoras supracitadas, os coletivos feministas mais identificados com a proposta marxista ou "radical" tendem a considerar a marcha "despolitizada" por não problematizar a divisão sexual do trabalho, elementos essenciais da exploração capitalista. A ênfase da Marcha na autonomia sobre o corpo e na liberdade sexual é vista por aquelas feministas como uma abordagem que, sem a crítica marxista, resulta na mercantilização do corpo das mulheres e na banalização da sexualidade.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A exemplo ocorreu na Marcha do Rio de Janeiro a defesa da regulamentação da prostituição, para alguns atores da luta feminista, especialmente a Marcha Mundial das Mulheres, essa é uma leitura equivocada e individualista da autonomia feminina. Para esta organização, não há autonomia possível nas carreiras das prostitutas, apenas exploração patriarcal e capitalista, que nenhuma regulamentação jurídica poderá anular. O uso político da nudez e do termo “vadia” é considerado por essas outras matrizes feministas contraprodutivo enquanto estratégia política, pois além de corroborar a opção “individualista” pelo corpo, será sempre lido de maneira sexista pelos observadores e acaba aprofundando a dominação que pretende combater (SORJ; GOMES, 2014).

E importante destacar a existência das disputas de conhecimento e percepções diferenciadas no âmbito do movimento feminista. Este nunca foi e não é único. Contudo, a luta por um mundo mais justo e igualitário, é pauta cotidiana do movimento de mulheres e feminista.

Considerações Finais

Podemos assim concluir, que a participação das mulheres na história através dos movimentos de lutas é de grande importância e teve muitas conquistas ao longo do tempo. Ainda está longe de ter a igualdade dos direitos, mas os avanços foram muito significativos, tendo destaque para a conquista em relação ao trabalho, onde a cada dia que passa, elas estão mais a frente em conhecimento e valorização.

Na política, a participação das mulheres pelo direito ao voto manifestou que a condição desigual de gênero as renegava do poder decisório. No caso do Brasil recentemente tivemos uma mulher na Presidência da República e que foi usurpada pelo atual governo através do golpe.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



No campo do direito ao corpo, as mulheres tem se apropriado de bandeiras históricas de luta e dado sua pauta ao movimento. Estabelecendo formas de enfrentamento diferenciadas e reivindicações que buscam fugir dos padrões estabelecidos socialmente. Contudo, o debate horizonte do enfrentamento da luta feminista ainda está num campo de disputa ideológica e política.

As mulheres jovens e que acessam o âmbito universitário ainda estão entre aquelas que regem a luta social no mundo e no Brasil. Contudo, não significa dizer que as mulheres na periferia não tem se expressado e se organizado. Nosso objeto de estudo, trouxe em pauta a organização e concepção do direito ao corpo expresso pela Marcha das Vadias. Nosso estudo compreende que a luta das mulheres por uma equidade de gênero perpassa o rompimento com a lógica dominante de sistema regido nos marcos do capital. A luta feminista incorpora também essa pauta e neste debate, sujeitos diferenciados se manifestam e colocam de forma diferenciada.

Assim, os movimentos feministas têm ampliado suas lutas sociais, tem agregado sujeitos políticos e levantado novas e antigas bandeiras de lutas, mas, sobretudo repaginando suas formas de enfrentamento para assim garantir equidade de gênero e condições de igualdade, autonomia e emancipação humana.

Referências Bibliográficas

- BAZANI, Cristhiane. **Movimentos feministas e a busca da igualdade**. Portal Geledés. Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/movimentos-feministas-e-busca-da-igualdade/>> Acesso em: 23/06/2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Volume 2, 3 edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3 edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

<p>VI seminário CETROS CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL desafios para a classe trabalhadora</p>	
<p>ISSN: 2446-8126</p> <p>22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE (Auditório Central - Campus do Itaperi)</p>	

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade**. 15 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CISNE, Mirla; Gurgel, Telma. Feminismo, Estado e políticas públicas: desafios em tempos para a autonomia das mulheres. Brasília: **Revista Ser Social**, 2008.

GARCIA, Carla Cristina. FERNANDES, Débora BaldinLippi. 18 mulheres brasileiras que fizeram a diferença. Parte I. **Revista fórum semanal**. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/digital/167/18-mulheres-brasileiras-que-fizeram-diferenca-parte-1/> Acesso em: 23/06/2018.

IUNNES, Ana Carolina. **O sentido da marcha das vadias**. Blog da redação Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-sentido-da-marcha-das-vadias/> Diário do Centro do Mundo. Acesso em: 20/06/2018.

MADRIGAL, Alexis Gabriel. **Perspectiva histórica dos direitos da mulher e a igualdade entre gêneros do Brasil**. Jusbrasil, 2017. Disponível em: <<https://alexismadrigal.jusbrasil.com.br/artigos/454961837/perspectiva-historica-dos-direitos-da-mulher-e-a-igualdade-entre-geros-no-brasil>. Acesso em: 23/06/2018.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. Coleção História do Povo Brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte: Leitura, 2009.

SORJI, Bila, GOMES, Carla. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. Revista **Sociedade e Estado**. vol.29 n2 Brasília Maio/Ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200007. Acesso em: 20/06/2018.